II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Eixo temático: Teoria da subjetividade: discussões conceituais e relações com outros referenciais teóricos

O sujeito sob o olhar da teoria da subjetividade

Ewellyne S. Lima Lopes
Programa de Pós-graduação em Educação
Faculdade de Educação/UFU
ewellyne.lopes@gmail.com

Roberto Valdés Puentes
Programa de Pós-graduação em Educação
Faculdade de Educação/UFU
robertovaldeespuentes@gmail.com

Resumo

O conceito de sujeito perpassa várias áreas de saberes, especialmente no campo das ciências sociais. É relevante, pois a partir do modo como o sujeito é compreendido, são delineadas outras definições determinantes do caminho teórico a ser seguido. Baliza, por exemplo, a compreensão do posicionamento humano em seu contexto, as relações estabelecidas com o social e os rumos do desenvolvimento individual e social. Dentro da teoria da subjetividade, o sujeito é entendido como um sujeito produtor, capaz de gerar novas vias de subjetivação que podem resultar em mudanças pessoais e sociais. Além disso, está sempre em tensão com o meio em que se encontra, buscando preservar seus propósitos e posicionamentos quando ameaçados pelas normas direcionadoras que lhe são impostas pelas instituições de que participa. Sendo uma teoria erigida sobre questionamentos acerca de outros posicionamentos teóricos, coloca-se como uma teoria dinâmica, aberta a questionamentos e mudanças que representem avanços no seu corpus teórico. Assim, alguns conceitos têm passado por transformações fomentadas por indagações, reflexões teóricas e investigações. Com o intuito

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

de ampliar a compreensão sobre o conceito de sujeito na perspectiva da teoria da subjetividade, o presente texto trata do conceito em sua relação com outros conceitos-chave bem como seu percurso dentro da teoria. Para tanto, apresenta o modo como tem sido apresentado e discutido em textos publicados em momentos distintos. Em vista de algumas mudanças, mais especificamente da inserção do conceito de agente em publicações recentes, propõe questões suscitadas por esse passo teórico.

Palavras chave: sujeito, agente, teoria da subjetividade.

Dentro das ciências sociais, o conceito de sujeito é produzido historicamente seguindo uma trajetória conforme paradigmas epistemológicos vigentes (MOTTA; URT, 2009; ARAÚJO, OLIVEIRA; ROSSATO, 2017). O sujeito moderno, inaugurado pelo pensamento cartesiano, é racional, capaz de controlar o mundo e a si mesmo por meio da razão. Esse racionalismo adentra as ciências, que instauram um modelo epistemológico empírico e positivista, tal que o que não pode ser mensurável ou experimentado de modo objetivo perde valor heurístico. A psicologia submeteu-se a esse movimento racionalista, afastando-se do estudo da subjetividade e do sujeito. Entretanto, conforme Araújo, Oliveira e Rossato (2017), o movimento científico abriu possibilidades para questionar esse racionalismo, especialmente quando aplicado a questões complexas como o funcionamento psíquico.

É nesse espaço de questionamentos e busca por uma compreensão que desse conta da complexidade do humano que emerge a teoria da subjetividade. Fernando González Rey (1949-2019), seu idealizador, parte de estudos sobre a personalidade e a psicologia social. Incomodado com o encerramento da personalidade na esfera intrapsíquica e estimulado pelo aprofundamento nos estudos sobre a obra de Lev S. Vygotsky, propõe o conceito de sentido subjetivo que, juntamente com outros conceitos fundamentais que se vão constituindo com o avanço dos estudos – tais como sujeito, configuração subjetiva, subjetividade social e individual – procuram constituir um corpo teórico que busca dar visibilidade a processos e formas de organização da subjetividade.

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Mitjáns Martínez e González Rey (2017) salientam o caráter processual e histórico da teoria da subjetividade, afirmando-a como uma produção subjetiva que foi sendo construída por meio de confrontações, diálogos e (re)conceitualizações. Consonantes com seu posicionamento epistemológico, posicionam-na como um *corpus* ainda em construção, aberto a possíveis desenvolvimentos. Esse dinamismo teórico é perceptível no delinear da categoria sujeito que, em publicações recentes, aparece junto do conceito de agente.

O sujeito, ainda que renegado pela psicologia quando esta se guiava predominantemente pelas diretrizes positivistas, constitui-se como objeto de estudo privilegiado, posto que perpassa todos âmbitos da vida humana. Essa ubiquidade o coloca como um ponto de partida possível para discussões que envolvam tópicos como educação e desenvolvimento, vistos a partir de diferentes perspectivas teóricas. Assim, se faz necessário compreender como é caracterizado em cada uma dessas perspectivas a fim de estabelecer possíveis pontos de encontro e afastamento.

Considerando os dois aspectos apontados acima, bem como o objetivo de investigar a influência da periodização do desenvolvimento proposta por Daniil B. Elkonin sobre o sistema didático Elkonin-Davydov, tendo como lente teórica a perspectiva da subjetividade¹, discutiremos no presente trabalho o conceito de sujeito e seu percurso na referida teoria.

Na primeira sessão, abordamos a definição do conceito de sujeito em relação com os demais conceitos fundamentais da teoria, posto a estreita ligação com que foram definidos. Posteriormente, procuramos construir o percurso do conceito na teoria baseando-nos em livros e artigos publicados em diferentes momentos. Por fim, apresentamos reflexões e questionamentos suscitados pela inserção do conceito de agente à teoria.

¹ O presente trabalho expõe reflexões teóricas produzidas ao longo do percurso acadêmico no processo de doutoramento da primeira autora, cujo trabalho intitula-se, provisoriamente, *A periodização do desenvolvimento psíquico proposta por D. B. Elkonin e sua influência sobre a teoria da atividade de estudo: uma análise à luz da teoria da subjetividade*.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

O conceito de sujeito

Nas seguintes citações, são apontados os quatro aspectos, que a nosso ver, caracterizam o conceito de sujeito na perspectiva da teoria da subjetividade, a saber: capacidade geradora, a posição de tensão junto aos sistemas normativos com possibilidade de promover rupturas e mudanças, a capacidade de abrir novos caminhos de subjetivação e sua processualidade, tendo em vista que é um atributo qualitativo e não inerente aos indivíduos.

a pessoa nesta perspectiva não é um epifenômeno de nenhuma estrutura ou prática social, ela tem uma **capacidade geradora subjetiva** frente ao vivido que lhe permite múltiplas opções, decisões e ações carregadas de sentidos subjetivos no processo da experiência. A pessoa se torna sujeito quando é capaz de **gerar opções que tensionam os sistemas normativos hegemônicos** do espaço social onde desenvolve sua ação, gerando alternativas de sentidos subjetivos frente a esses sistemas hegemônicos (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 313, destaque meu).

o conceito de sujeito em nossa proposta teórica é entendido como o indivíduo ou grupo que **abre novos caminhos de subjetivação** em espaços normativos dentro dos quais as ações sociais e individuais ocorrem. Ser um sujeito é um **atributo qualitativo** de indivíduos e grupos que **não é inerente** a eles, mas que qualifica suas ações em dados contextos. (GONZÁLEZ REY, 2016, p. 8-9, destaque meu).

No que se refere à capacidade geradora do sujeito, González Rey (2003/2005) a define como um de seus atributos centrais, juntamente com sua capacidade criativa. Esse posicionamento é um ponto que diferencia a teoria da subjetividade de perspectivas teóricas que propõem a atividade psíquica como reflexo da atividade externa, definindo o sujeito como portador do conteúdo externo, como por exemplo, uma parte significativa dos representantes da teoria da atividade dentro da psicologia histórico-cultural soviética.

Tendo em vista que estamos diante da defesa de um sujeito gerador, é relevante elucidar o conteúdo de sua produção subjetiva. Os sujeitos produzem subjetividade por meio da produção de sentidos subjetivos que se organizam em configurações subjetivas. Produzem também opções e rupturas diante de imposições advindas do meio em que atuam.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Os sentidos subjetivos são a forma como os sujeitos compreendem, sentem e vivenciam o mundo e a si mesmos. São definidos como uma unidade de processos simbólicos e emoções, que se evocam de modo recíproco sem haver entre eles uma relação de causalidade. Um de seus atributos mais importantes, que sintetiza essa definição, é "expressar em forma de produção simbólica emocional a multiplicidade de registros objetivos que afetam ao homem em sua integridade vital" (GONZÁLEZ REY, 2007, p. 171). Diante de um fluxo caótico de sentidos subjetivos advindos de diferentes zonas da experiência social e individual, as configurações subjetivas organizam-se como núcleos de sentidos subjetivos convergentes, expressando relativa estabilidade no desenrolar de uma experiência (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTINEZ, 2017b).

Entende-se assim que, uma configuração subjetiva representa um núcleo dinâmico organizado, envolvendo diversos sentidos subjetivos que têm sua gênese em esferas da experiência individual e social tanto passadas como atuais, o que integra o histórico ao momento atual da experiência. Vale destacar o caráter processual desse conceito, tendo em vista que, uma configuração subjetiva não é definida a priori como ocorre com os chamados traços de personalidade, por exemplo. Sua constituição se dá nas tramas da vida, conforme as vivências pregressas e atuais do indivíduo (GOULART, 2017). É, portanto, um sistema flexível, dinâmico e em constante desenvolvimento conforme as rupturas e múltiplas possibilidades inerentes ao curso da experiência humana.

Os pontos ressaltados até o momento corroboram a caracterização do sujeito como produtor de subjetividade. Cabe ressaltar então que, na perspectiva dessa teoria, a subjetividade é concebida em dois níveis que se integram e inter-relacionam: individual e social (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTINEZ, 2017b). Esse posicionamento confere um caráter verdadeiramente dialético à relação entre essas duas dimensões, quebrando com a dicotomia individual-social e interno-externo, pois, estabelece uma relação de configuração mútua, sem que um nível tenha precedência sobre o outro. O sujeito produz sentidos subjetivos que definem sua subjetividade e que, em suas relações com o outro nos diversos espaços sociais pelos quais transita, definem também a subjetividade social. Assim, o social e a cultura deixam de ser considerados como elementos externos ao indivíduo. Nas palavras de

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Goulart (2017, p. 48), "a subjetividade não está 'dentro', nem 'fora', mas dentro e fora simultaneamente".

No âmbito do senso comum, o termo subjetividade é usualmente empregado em referência à individualidade, ao que pertence ao foro íntimo de alguém. Na perspectiva da teoria da subjetividade, o termo é entendido como

um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual, independentemente de que em ambos os momentos de sua produção reconheçamos sua gênese histórico-social, isto é, não associada às experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas à forma em que uma experiência atual adquire sentidos e significação dentro da constituição subjetiva da história do agente de significação, que pode ser tanto social como individual (GONZÁLEZ REY, 2003/2005, p. 202).

A definição acima ilustra claramente a natureza dual da subjetividade. Temos assim uma relação entre social e individual em que o sujeito é constituinte e constituído do/pelo social e vice-versa. As configurações subjetivas sociais são constituídas, em grupos sociais diversos, a partir de sentidos e configurações subjetivas individuais dos sujeitos que deles participam. Por sua vez, o indivíduo se insere num contexto social marcado por uma subjetividade social que vem sendo constituída por indivíduos que o precederam nessa história. A sua inserção nesse contexto representa um novo momento constituinte dessa subjetividade social e, concomitantemente, de sua própria subjetividade. Sendo assim, nesse transitar dos sujeitos pelos diversos espaços sociais, carregando suas histórias e subjetividades, gera-se um movimento de constituição recíproca e recursiva.

Entendido esse movimento, é oportuno destacar que essa relação entre social e individual é também um lugar de tensão e possíveis rupturas produzidas pelo sujeito. Em momentos variados, os contextos sociais em que o indivíduo se encontra lhe colocam diante de situações que se opõem aos posicionamentos e propósitos que assume para si. Surge, assim, um quadro em que as posições do indivíduo e o que está estabelecido socialmente são divergentes. É nessas condições que o indivíduo pode emergir como sujeito, ao abrir novas vias de subjetivação – criando opções e zonas de significação – que lhe permitem romper com o estabelecido e criar possibilidades para si e para o social.

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Essas vias de subjetivação abertas pelo sujeito surgem à medida que produz novos sentidos subjetivos que, integrados a suas configurações subjetivas, possibilitarão mudanças sociais e desenvolvimento subjetivo. No campo social, geram novos espaços sociais em que emergem novas formas de relações, modos de ação e valores. No individual, abrem possibilidades de sentido que influenciarão a identidade daqueles que as acolher, além de gerar espaço para que o sujeito se desenvolva subjetivamente. É no seu movimento de confrontar, de modo ativo, normas e limitações que lhe cerceiam ou que parecem ameaçar seus propósitos e proposições pessoais que o indivíduo gera novos sentidos e pode abrir essas novas vias de subjetivação, atuando assim como sujeito. Para tanto, lança mão de sua reflexividade, da ação criativa e de sua capacidade de ruptura e de tomar decisões (GONZÁLEZ REY, 2003/2005; 2013; GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTINEZ, 2017b).

Por fim, ressaltamos um último traço definidor do sujeito: a inconstância de sua condição. Em outras palavras, atuar como sujeito é uma condição que pode ou não ser ocupada pelo indivíduo ou grupo social e não um estado permanente. A emergência do indivíduo ou grupo como sujeito está condicionada a sua capacidade de produzir sentidos subjetivos que possibilite a abertura de novas vias de subjetivação (GONZÁLEZ REY, 2013).

Por conseguinte, o indivíduo pode atuar como sujeito em algumas condições, em outras não, conforme sua capacidade de produzir novas vias de subjetivação. Conforme Mitjans Martinez e González Rey (2017, p. 58), "a condição de sujeito não é uma condição universal que o indivíduo ou grupo porta ou não, ela se expressa perante situações concretas nas quais participa".

Essa definição suscita dois pontos importantes acerca do sujeito. O primeiro refere-se à reafirmação de sua relação de constituição recíproca com o social. González Rey (2003/2005) afirma que a pessoa se transforma em sujeito ao entrar na vida social, onde encontra uma subjetividade social em construção, mas que fará parte de sua ontogenia ao mesmo tempo em que esse sujeito passa a participar desse processo constitutivo. O segundo diz respeito à processualidade da subjetividade. É na atualidade dos acontecimentos, que a história de vida e os sentidos subjetivos se integram a novos sentidos, resultando em novas

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

configurações subjetivas. É nas condições concretas vividas no momento presente, que os indivíduos se organizam e produzem os sentidos subjetivos que poderão resultar em sua emergência como sujeitos. Dessa forma, a subjetividade e a condição de sujeito não são características pré-estabelecidas que determinarão o posicionamento diante de um fato. São, na verdade, momentos do processo contínuo de constituição da subjetividade e do próprio sujeito na atualidade das ações do indivíduo.

O percurso do sujeito na teoria

Em *Subjetividade: teoria, epistemologia e método*, González Rey e Mitjáns Martínez (2017) relatam o surgimento e as transformações do conceito de sujeito ao longo de suas pesquisas.

Segundo os autores, o conceito foi introduzido em 1989, quando seus estudos se voltavam ao conceito de personalidade, permitindo aproximar este do caráter ativo da vida e dos indivíduos. Nesse primeiro momento, o sujeito era visto como ativo, consciente, intencional e emocional. Resultados de pesquisas levaram ao conceito de configuração psicológica da personalidade que, aliado ao de sujeito, permitiu uma releitura da obra de Vygotsky e uma nova compreensão do conceito de sentido, que culminou na elaboração do conceito de sentidos subjetivos. Como consequência, após a metade da década de 1990, ocorre uma transição do tema da personalidade para o da subjetividade, que se consolida na obra *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*, publicada, em 2002, na língua espanhola e, em 2003, na portuguesa.

Nessa obra, González Rey (2003/2005) faz uma retrospectiva da história da psicologia, apresentando como as definições epistemológicas e metodológicas adotadas nesse percurso afetaram a compreensão do conceito de subjetividade e sujeito, levando mesmo a sua exclusão ou ao que ficou conhecido como a “morte do sujeito”. No último capítulo, apresenta sua proposta teórica sobre o tema, apresentando as definições dos conceitos que a subsidiam, inclusive o de sujeito.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

O modelo teórico construído por González Rey (2003/2005) indica sua intenção tenaz em resgatar esse sujeito, que havia sido subjugado às determinações sociais, principalmente, ao discurso e à linguagem. Seus principais argumentos centram-se em torno da capacidade criativa e geradora de subjetivação, opções e rupturas desse sujeito. É essa capacidade, provocada por tensões resultantes de divergências entre suas opções individuais e imposições sociais normativas ou mesmo suas próprias configurações subjetivas, que torna o sujeito constituinte de si mesmo e dos espaços sociais em que atua. Subjetividade individual, sujeito e subjetividade social são definidos como sistemas inter-relacionados, não em condição de subordinação ou domínio, mas em uma relação recursiva e dialética de constituição mútua. Nesse momento teórico, não se discute condições para a emergência do sujeito, para além de que se dê dentro das tramas sociais. Na construção argumentativa prepondera a ideação de um sujeito que rompe com determinações sociais que ameaçam seu posicionamento por meio de sua capacidade geradora. “O sujeito aparece nos momentos de sentido em que pensa, e é a sua capacidade geradora de sentidos por meio do pensamento um dos elementos centrais no desenvolvimento da sua capacidade de produzir rupturas” (GONZÁLEZ REY, 2003/2005, p. 227).

Entre os anos de 2002 e 2016, a produção teórica sobre a teoria foi numerosa. A título de exemplo, consultando o currículo² de Fernando González Rey disponível na plataforma Lattes, tem-se 57 artigos publicados em periódicos científicos, 12 livros e 46 capítulos de livros. Tendo acesso a uma parcela pequena dessas produções³, encontramos 8 que fazem referência ao conceito de sujeito. Em todas, há uma reiteração das características atribuídas ao sujeito previamente, sua capacidade geradora e de ruptura. A novidade encontrada é a ênfase que passa a ser conferida ao estabelecimento de condições para que o indivíduo ocupe a

² Consulta realizada em 05 de junho de 2019 na plataforma Lattes pelo sítio <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4707267T6>

³ Obras consultadas e não referenciadas por não serem citadas no corpo do texto:

GONZÁLEZ REY, Fernando L. Subject, subjectivity, and development in cultural-historical psychology. In: VAN OERS, Bert et al. (orgs) **The transformation of learning: advances in cultural-historical activity theory**, Cambridge: Cambridge University Press, p. 137-154, 2008.

_____. Subjetividad social, sujeto y representaciones sociales. **Diversitas: Perspectivas em psicologia**, v. 4, n. 2, 2008, p. 225-243.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

posição de sujeito. Em *Sujeito e subjetividade*, ainda que se possa inferir essa ideia, como mostra o trecho destacado abaixo, esta não é realçada.

O indivíduo, na qualidade de sujeito, define cada vez maiores responsabilidades dentro dos diferentes espaços de sua experiência social, gerando novas zonas de significação e realização de sua experiência pessoal. A condição de sujeito é essencial no processo de ruptura dos limites imediatos que o contexto social parece impor, e é responsável pelos espaços em que a pessoa vai modificando esses limites e gerando novas opções dentro da trama social em que atua” (GONZÁLEZ REY, 2003/2005, p. 237).

Passa-se a determinar a emergência do sujeito e destacar seu caráter qualitativo e não inerente ou perene, afirmando-se que um indivíduo somente se torna sujeito quando abre novos caminhos de subjetivação, o que pode resultar em desenvolvimento subjetivo. Como afirma González Rey (2016, p. 8, tradução nossa), “ser sujeito é um atributo qualitativo de indivíduos e grupos que não é inerente a eles, mas que qualifica suas ações em dados contextos”. Não ocupar essa posição pode, por exemplo, resultar em sofrimento psíquico (GONZÁLEZ REY, 2011). Surge ainda uma preocupação em apresentar os caminhos que podem levar à emergência do sujeito em contextos gerais ou específicos como a escola.

O aluno torna-se sujeito de sua aprendizagem quando é capaz de desenvolver um roteiro diferenciado em relação ao que aprende e a se posicionar crítica e reflexivamente em relação à aprendizagem. Esse posicionamento só será possível na medida em que ele for capaz de gerar sentidos subjetivos em relação ao que aprende. É nesse processo que aparecerão verdadeiros modelos construtivos sobre o aprendido que facilitarão operações de construções próprias e originais sobre a base do aprendido” (GONZÁLEZ REY, 2006/2014, p. 40).

uma das contradições da condição humana é que a emergência do sujeito não é um processo regular e ordenado coincidente com processos socialmente considerados como ‘positivos’. A emergência do sujeito é, na verdade, um processo tenso e caótico, sendo o desenvolvimento uma das alternativas possíveis do processo” (GONZÁLEZ REY, 2013, p. 37-38)

a educação a que aspiramos é aquela que se orienta para a transformação do indivíduo em sujeito de suas operações, o que implica uma posição reflexiva e crítica, que só emerge de uma implicação subjetiva em uma experiência concreta, seja esta docente, empresarial profissional ou de qualquer outro tipo (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTINEZ; BEZERRA, 2016, p. 265).

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Em 2017, três publicações introduziram uma nova especificação ao indivíduo, determinada segundo sua atuação.

Mitjáns Martínéz e González Rey (2017) em *Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica*, introduzem o termo ator, afirmando que “a pessoa não precisa ser sujeito para atuar, ser sujeito expressa uma qualidade subjetiva da pessoa no curso da ação” (p. 58). Em seguida, caracterizam o sujeito a partir de sua capacidade de abrir caminhos alternativos de subjetivação e de sua condicionalidade. A argumentação leva-nos a inferir que ator e sujeito são diferentes, ainda que ambos atuem na ação. Mesmo que não fique explícita, pode-se inferir também que a diferença estaria na capacidade do sujeito gerar caminhos alternativos. Posteriormente, ressaltam a existência de diferença entre os termos pessoa ou indivíduo e sujeito ao se referirem ao sujeito que aprende, definido como “indivíduo no seu caráter ativo, consciente e intencional, capaz de delimitar um espaço próprio no contexto em que está inserido” (p. 69). Não sendo novamente mencionado, não fica claro se os termos pessoa, indivíduo e ator podem ser usados de forma intercambiável.

Nas duas outras publicações – *Subjetividade: teoria, epistemologia e método* e *El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico* – o termo ator não é mencionado, sendo introduzido o termo agente.

Neste trabalho definimos o sujeito como aquele indivíduo ou grupo capaz de abrir novos caminhos de subjetivação dentro do espaço normativo de sua ação, e o termo agente fica reservado às posições ativas desses indivíduos ou grupo em uma atividade em curso, mas que não geram novos caminhos de subjetivação para além delas. Ambas condições, entretanto, são inseparáveis das configurações subjetivas de seus atos ou posicionamentos (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTINEZ, 2017a, p. 12)

A única diferenciação entre essas condições que o indivíduo poderia ocupar seria a capacidade de abrir novas vias de subjetivação, pertinente somente ao sujeito. González Rey e Mitjáns Martínéz (2017b) justificam essa diferenciação pela necessidade de indicar a inexistência de passividade como um estado estático, apontando que em situações de inatividade, ocorre o sofrimento que não representa um estado passivo. Por isso, indicam que

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

ambos são ativos, capazes de se posicionar, tomar decisões e gerar sentidos subjetivos por meio de suas produções intelectuais e compromissos.

Reflexões e questões acerca dos conceitos

A construção do conceito de sujeito na perspectiva da teoria da subjetividade segue o movimento realizado pela própria teoria, que se desenvolve por meio do diálogo questionador com a psicologia histórico-cultural soviética, a teoria da atividade, a psicologia moderna, o construcionismo social e o pós-estruturalismo. Questiona os sujeitos assimiladores e subjugados dessas vertentes. Em contraposição, propõe um sujeito cuja característica mais relevante é sua capacidade produtora e de permanente tensão com normas institucionais que ameaçam sua integridade, o que pode resultar em mudanças e desenvolvimento.

O percurso do conceito ressalta o dinamismo e a abertura da teoria, que não aprisiona seus conceitos em formas acabadas e dogmáticas, posto que são vistos como “conceitos vivos, em movimento, que vão se desenvolvendo e se desdobrando de formas diferentes no decorrer das práticas profissionais e de pesquisas que se apoiam nesse referencial” (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTINEZ, 2017b, p. 77).

É nessa linha que nos colocamos a questionar a introdução do conceito de agente. Note-se que esse questionamento não é um posicionamento contrário, mas um convite à reflexão. Mais especificamente, da maneira como foi colocada a categoria de agente, surgiram dúvidas especialmente sobre a condição de não-agente e não-sujeito, que a nosso ver, seria a de indivíduo.

Considerando a afirmação de que o indivíduo pode ser sujeito em algumas situações e em outras não, que posição assumiria nesses casos? Pensamos que a resposta mais sensata seria que, a depender de sua condição de atividade e produção, seria agente ou indivíduo, entendendo o primeiro como criador e produtor de sentidos subjetivos e o segundo não. Daí, decorre outra questão: há situações em que o indivíduo não assume nenhuma dessas posições? Nesse caso, ele não é ativo, criativo ou produtor? Ou, seria o indivíduo equivalente a agente, sendo sempre ativo, criativo e produtor?

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Infelizmente, ainda não alcançamos uma compreensão sobre a teoria da subjetividade que nos permita arriscar a responder tais questões. Por isso, as colocamos como pontos de reflexão e debate, avaliando que tais discussões permitiriam ampliar o conhecimento sobre as situações em que o indivíduo não atua como sujeito. Assim, abrir-se-iam novos caminhos para profissionais-pesquisadores atuarem na promoção do desenvolvimento subjetivo.

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Referências

ARAÚJO, Cláudio M.; OLIVEIRA, Maria Cláudia S. L.; ROSSATO, Maristela. O sujeito na pesquisa qualitativa: desafios da investigação dos processos de desenvolvimento. **Psicologia: teoria e pesquisa**. v. 33, e33316, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722017000100702&lng=en&nrm=iso Acesso em 27 mai. 2019.

GONZÁLEZ REY, Fernando L. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003/2005.

_____. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, junho, n. 24, p.155–179, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752007000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 fev. 2018.

_____. Sentidos subjetivos, lenguaje y sujeto: avanzando em uma perspectiva postracionalista em psicoterapia. **Rivista di psichiatria**, v. 46, p. 310-314, 2011. Disponível em [http://www.rivistadipsichiatria.it/r.php?v=1009&a=10978&l=14979&f=allegati/01009_2011_05/fulltext/8-Gonzalez%20Rey\(310-314\).pdf](http://www.rivistadipsichiatria.it/r.php?v=1009&a=10978&l=14979&f=allegati/01009_2011_05/fulltext/8-Gonzalez%20Rey(310-314).pdf). Acesso em 16 fev. 2019.

_____. O social como produção subjetiva: superando a dicotomia indivíduo-sociedade numa perspectiva cultural-histórica. **Estudos contemporâneos da subjetividade**. V. 2, p. 167-185, 2012. Disponível em https://www.fernandogonzalezrey.com/images/PDFs/producao_biblio/fernando/artigos/Psicologia_historico_Cultural/O_social_como_producao_subjetiva.pdf. Acesso em 25 abr 2018.

_____. La subjetividad en una perspectiva cultural-histórica: avanzando sobre un legado inconcluso. **CS**, v. 11, n. janeiro-junho, p. 19–42, 2013. Disponível em http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2011-03242013000100002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 mar. 2018.

_____. O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In: TACCA, Maria Carmen V. R., **Aprendizagem e trabalho pedagógico**, 3. ed. Campinas: Alínea, 2014, p. 29-44.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

_____. Vygotsky's concept of *perezhivanie* in *The psychology of art* and at the final moment of his work: Advancing his legacy. **Mind, culture, and activity**, v. 23, n. 4, p. 305-314, 2016. Disponível em <https://doi.org/10.1080/10749039.2016.1186196>. Acesso em: 18 dez. 2018.

GONZÁLEZ REY, Fernando L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. El desarrollo de la subjetividad: una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico, **Papeles de trabajo sobre cultura, educación y desarrollo humano**, v. 13, n. 2, p. 3-20, 2017a. Disponível em http://psicologia.udg.edu/PTCEDH/menu_articulos.asp. Acesso em 14 ago. 2018.

_____. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas: Alínea, 2017b.

GONZÁLEZ REY, Fernando L.; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; BEZERRA, Marília. Psicología em la educación: implicaciones de la subjetividad em uma perspectiva cultural-histórica. **Revista puertorriqueña de psicología**, v. 27, n. 2, p. 260-274, 2016. Disponível em http://fernandogonzalezrey.com/images/PDFs/producao_biblio/fernando/artigos/educacao_e_subjetividade/PSICOLOGA-EN-LA-EDUCACIN.pdf. Acesso em 14 ago. 2018.

GOULART, Daniel M. **Educação, saúde mental e desenvolvimento subjetivo: da patologização da vida à ética do sujeito**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando L. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica**. São Paulo: Cortez, 2017.

MOTTA, Maria Alice A.; URT, Sônia C. Pensando o sujeito: um diálogo entre Castoriadis e González Rey. **Psicologia em estudo**, v. 14, n. 4, p. 621-629, 2009.